

Atlas das Utopias Reais: Criatividade, Cultura e Artes

ISABEL ANDRÉ

CAMINHOS PARA A UTOPIA REAL

Em primeiro lugar, o que é afinal a criatividade? Um escritor sul-africano, William Plomer, afirmou que «criatividade é a força que liga o que está aparentemente desligado». Contudo, muitas pessoas fazem esse exercício para resolver problemas do quotidiano e não são consideradas criativas, pois para além dessa condição, é necessário ser original. Nos últimos tempos vive-se numa procura constante da originalidade. Talvez como reacção à modernidade, em que a grande maioria da população desempenhava tarefas repetitivas, na era atual cada um tenta ser diferente e único, o que é muito facilitado pelas

novas tecnologias que permitem fazer mil e uma imagens a partir de uma única fotografia ou «desconstruir» as obras mais consagradas das artes visuais e performativas.

Segundo um estudo da KEA (2009) intitulado «O impacto da cultura na criatividade», encomendado pela Comissão Europeia, a criatividade alimenta-se obviamente do capital humano, mas também do ambiente institucional e social, mais ou menos tolerante e informal, da tecnologia e da diversidade. Reunidas estas várias condições, podemos potenciar a criatividade mas não «produzimos» necessariamente pessoas e obras criativas!

Neste atlas, a criatividade surge associada às artes, às indústrias criativas, à mobilização dos criativos para

a regeneração urbana, ao desenvolvimento urbano inclusivo e ao direito à cidade. As artes emergem como a principal fonte da criatividade, incentivando a imaginação e a construção de metáforas, estimulando o pensamento crítico, desafiando o convencional, fruto da insatisfação presente em grande parte dos artistas, mobilizando o simbólico e os afetos para os usar na comunicação, desenvolvendo novas ideias e novas visões do mundo, mais ou menos ambiciosas. Neste âmbito, importa não esquecer a literatura, tão rica em significados simbólicos que alteram com frequência as geografias emocionais, as nossas representações dos lugares.

As indústrias criativas, ou a economia das artes e da cultura, empregam muitos artistas e vivem, em grande

parte, das suas competências e ideias. A par da produção ou reprodução artística, este sector promove inúmeras iniciativas e eventos culturais na medida em que a cultura, nesta ótica, é sobretudo a disseminação, mercantilizada ou não, das obras artísticas ou dos seus simulacros.

No campo da regeneração urbana tem-se assistido, cada vez mais, à utilização de obras artísticas para tornar os espaços «vibrantes», quer por via da arte visual pública quer através da animação produzida pela música, dança, teatro ou circo. A par deste aspecto, a regeneração urbana inclui frequentemente equipamentos culturais – museus, auditórios, residências artísticas, etc. – como amenidades para atrair novos residentes. Acresce que muitas vezes estes processos de transformação urbana incluem áreas onde as indústrias criativas, equipamentos culturais, ateliers artísticos, bares, restaurantes estão todos concentrados – bairros culturais, muito associados à boémia. Uma nova boémia? Cremos que sim. Menos transgressiva e mais ligada ao consumo do que a antiga boémia.

Mas a criatividade, e sobretudo as artes, são também um capital crucial para a coesão e inclusão social. A transformação das relações sociais, no sentido de uma maior justiça, mobiliza a criatividade na ótica da imaginação necessária para encontrar novas soluções. Por outro lado, as artes facilitam muito o diálogo e a colaboração entre diferentes comunidades culturais. Isto porque o discurso apenas verbal nem sempre é suficiente para transmitir

sentimentos e afetos. Na realidade, a utilização da metáfora permite ir para além do óbvio e comunicar os valores e os sentidos mais profundos. Deve ainda ser acrescentado que a criatividade – nos diversos campos em que se expressa – e as artes promovem a autoestima e o reconhecimento externo. Neste último aspecto, é dado particular relevo ao papel das artes na contestação política, seja através de manifestações, de celebrações ou da *street art*, ligando-se naturalmente à capacidade comunicativa das artes posta ao serviço do direito à cidade.

Depois da rápida reflexão sobre o significado da criatividade, chegamos à questão essencial: como é que a criatividade dá lugar a utopias reais? Esta foi a pergunta que conduziu a pesquisa efectuada no âmbito do projecto que deu origem a esta publicação.

As utopias reais correspondem, como se refere mais adiante noutra parte deste atlas, a um futuro desejado e possível dependente da imaginação e traduzem a tensão existente entre o sonho e a prática. A imaginação e o sonho são precisamente os fermentos da criatividade e ao mesmo tempo os seus resultados. Um meio criativo produz artefactos e sujeitos imaginativos e sonhadores e são eles que garantem o seu porvir, anunciando que «um outro mundo é possível», slogan identitário do Fórum Social Mundial realizado pela primeira vez em 2001 em Porto Alegre (Brasil).

Com efeito, o projecto «Utopias Reais em Espaços Socialmente Criativos /RUcaS» – financiado pela FCT [PTDC/CS-GEO/115603/2009] – pro-

cureu compreender como é se podem produzir lugares criativos que conciliem competitividade, inclusão social e coesão territorial? A resposta conjuga políticas, processos e práticas centradas no território. Por outro lado, diz respeito a diferentes escalas geográficas – o bairro, a cidade, a região – e à sua interligação.

Nessa ótica, a pesquisa explorou fundamentalmente 3 problemas. O primeiro tem a ver com a possibilidade de ligar inovação tecnológica e inovação sócio-territorial, convergentes na mobilização de recursos como a originalidade, a imaginação, o conhecimento ou as novas tecnologias da comunicação, mas divergentes nos fins visados. O segundo diz respeito ao papel das artes na promoção da inovação sócio-territorial admitindo-se que a criação artística impulsiona a criatividade muito para além do campo das artes, revolucionando valores e práticas que dificultam a inovação, em geral, e a inovação sócio-territorial, em particular. O terceiro problema foca-se na configuração de meios criativos, simultaneamente dinâmicos e inclusivos, suficientemente resilientes para permitir a mudança sem se fragmentarem e sem perderem a sua identidade e coerência.

Os diversos capítulos deste atlas seguem um trajecto que parte de uma breve reflexão sobre o significado das utopias reais e a sua ligação à geografia emocional, tão nitidamente expressa através das marcas que a criação artística imprime nas paisagens. Num segundo momento, são apresentadas, em grandes traços, as ligações entre a arte e o território, quer através da localização dos artistas e das práticas artísticas quer indiretamente por via das suas várias expressões e impactos espaciais na regeneração e dinamização das cidades, no requalificação do espaço público, na configuração dos mercados ou nas estratégias de desenvolvimento local. No percurso seguinte, são detalhados cinco espaços socialmente criativos que permitem identificar com maior precisão as práticas e os processos que produzem este tipo de meios desde Lisboa a Montreal (Canadá). Na última etapa do trajecto, é lançado um olhar ao futuro, sendo comentado o papel do ensino artístico e revelada a faceta insurgente das artes e a sua importância no campo da inovação socio-territorial.

